Combatendo o Terrorismo

O terrorismo tem, ao longo da História, se constituído num fenômeno constante. Sempre existiu, sob diversas formas, nas mais diferentes culturas. Contudo, atualmente, num mundo onde as distâncias são menores em função do desenvolvimento de novas tecnologias, tem atingido uma proporção antes inimaginável.

Essas mesmas tecnologias, desenvolvidas para, em suma, melhorarem as condições de vida e de conforto dos seres humanos, permitem que dela se utilize o terrorismo para facilitar, ampliar e principalmente, dar maior divulgação às suas ações.

Isto foi plenamente comprovado durante os atentados de 11 de setembro de 2001, quando, instantaneamente, milhões de pessoas em todo o mundo puderam assistir, ao vivo, o que estava acontecendo em Nova Iorque e em Washington.

No entanto, os acontecimentos daquele dia apresentavam um potencial para ocasionar mudanças importantes nas relações internacionais e na disposição mundial para tolerar tais atos. E isto ocorreu. Iniciou-se uma guerra global contra o terrorismo, liderada pelos Estados Unidos. Esta guerra tem levado forças de coalizão a operar no Afeganistão, no Iraque e em outras regiões do mundo buscando localizar e eliminar as organizações terroristas, suas bases e os grupos que as apoiam.

Essa guerra, essencialmente de característica assimétrica, está longe de terminar. O caminho até a vitória final será longo e exigirá grandes sacrifícios.

Combatendo o Terrorismo

Tenente-Coronel Andrew J. Smith, Exército da Austrália

NO DIA 11 de setembro de 2001 os Estados Unidos foram objeto de um complexo, coordenado e devastador ataque terrorista. Em menos de duas horas, os edifícios do *World Trade Center — WTC*, em Nova York e uma parte do Pentágono haviam sido destruídos; quatro aviões comerciais também tiveram a mesma sorte, morrendo todos os seus passageiros e a tripulação.[1]

A resposta nacional e internacional completa a este ataque ainda está sendo formada. Determinar as conseqüências físicas do ataque (no que se refere aos danos materiais e às baixas) levará anos.[2] No âmbito internacional, os Estados Unidos declararam guerra ao terrorismo, e o presidente George Bush definiu claramente o objetivo estratégico nacional de eliminar os grupos terroristas "em todo o globo".[3] Uma coalizão antiterrorista iniciou operações ofensivas contra os responsáveis do ataque e seus aliados, e essa coalizão tem afirmado que a luta contra o terrorismo será longa, dispendiosa e difícil. Embora já esteja sendo realizada uma ação militar no estrangeiro, a estrutura do governo do Presidente Bush cresceu ao acrescentar ao seu gabinete um novo ministério para a segurança do território nacional, alocando verbas adicionais para melhorar a segurança preventiva e as operações de inteligência relacionadas ao terrorismo. Outros países também estão reavaliando seus dispositivos para enfrentar o terrorismo.[4]

Está atitude sugere que o objetivo do Presidente Bush, de erradicar o terrorismo internacional, irá requerer uma ampla série de contramedidas levando em consideração cada um dos aspectos da referida ameaça: antes, durante e depois do ataque. Este artigo propõe um esquema para avaliar a eficácia de qualquer estratégia para combater o terrorismo. O referido esquema divide as ações dos terroristas em três fases: preparatória, de crise e de conseqüência, cada uma envolvendo uma série particular de atividades terroristas que, por sua parte, exigem contramedidas específicas.

Tendências no Terrorismo

Embora o termo "terrorista" tenha sido cunhado nos fins do século XVIII, vem sendo empregado por milhares de anos.[5] A maior parte de sua história, até o fim da década de 1960, tem sido associada com as insurreições — tentativa, por um grupo não-governamental, de influenciar ou combater o poder estabelecido dentro de um país ou região.[6]

A partir do final da década de 1960, as atividades terroristas começaram a estender-se além dos limites imediatos dos países ou regiões em conflito. A grande mobilidade vivida pela maior parte da população mundial depois da II Guerra Mundial foi provavelmente o fator que mais contribuiu para esta tendência. O seqüestro de aviões, em particular, passou a ser uma técnica terrorista com grande capacidade de globalizar o terrorismo. Durante as três primeiras décadas do período terrorista mundial, as técnicas empregadas impunham limites aos danos físicos ou às baixas resultantes de um ataque.[7] Os ataques com bombas — técnica preferida dos terroristas, historicamente tendiam, por sua própria natureza, a ter efeitos limitados, devido à dimensão dos dispositivos que os terroristas podiam fabricar e carregar.[8] Da mesma forma, ataques onde eram empregados pequenas armas produziam poucas baixas.

Uma tática terrorista perigosa, empregada muitas vezes durante a década de 1970 e início da de 1980, era a tomada de reféns. Um bom exemplo foi o ataque do "Setembro Negro" durante os jogos olímpicos em Munich em 1972. Essa tática foi freqüentemente associada com o seqüestro de aviões. A tomada de reféns chamava a atenção mundial durante a fase crítica da

operação terrorista, demonstrando o valor dado pelos terroristas aos meios de comunicação e às operações de informação (Op Info) para a promoção de suas causas. Esta conexão entre as metas dos terroristas e as táticas de tomada de reféns era demonstrada pelo seqüestro de aviões com o objetivo de assegurar a libertação de prisioneiros políticos. Algumas vezes, as negociações eram uma opção viável do governo para a resolução das crises porque as exigências dos terroristas eram aceitáveis, mesmo que fosse indesejável outorgar concessões a criminosos. Para a maioria dos países ocidentais, a resposta definitiva à ameaça dos seqüestros foi o desenvolvimento de sofisticadas medidas adequadas para resolver as crises de seqüestro por meio da força. Estas medidas estavam respaldadas por métodos passivos tais como a inspeção de malas nos aeroportos. Este esforço enfraqueceu em grande parte a ameaça de seqüestros no final da década de 1980.[9]

No início da década de 1980 e continuando na de 1990, começou a surgir uma nova e inquietante tendência na motivação dos grupos terroristas mais perigosos. Essa foi uma mudança para uma base puramente religiosa em suas causas, acompanhada por uma tendência de atribuir características diabólicas ou desumanas aos grupos ou sociedades aos quais eles se opunham. Esses fatores permitiam aos terroristas justificar os métodos capazes de ocasionar um número ainda muito maior de baixas.[10] Em 1983, esse fato ficou evidente com o ataque suicida do caminhão-bomba contra uma instalação do Corpo de Fuzileiros Navais em Beirute, Líbano e, em 1984, o ataque a bomba em Brighton, durante a convenção do Partido Conservador do Reino Unido. Essa tendência acelerou-se na década de 1990.[11] Talvez a mais perturbadora demonstração de terrorismo de destruição em massa, antes de 11 de setembro de 2001, tenha sido o ataque da seita *Aum Shinrikyo* (*Aleph*) em 1995 contra o metrô de Tóquio, onde foi empregado um agente químico que afetava o sistema nervoso.

Outro exemplo de motivações terroristas baseadas em argumentos religiosos ou ideológicos na década de 1990, a que Huntington chama de choque de civilizações, é o caso do extremismo islâmico *jihadismo*, representado por grupos como o da organização *Al-Qaeda* de Osama bin Laden.[12] Essa pode ser uma razão secundária para o desaparecimento da tática de tomada de reféns; as exigências dos terroristas por uma mudança na civilização, tal como "dar fim ao capitalismo global" ou "acabar com a hegemonia Ocidental", fisicamente não podem ser outorgadas; filosoficamente também nenhum governo pode ceder diante delas. Portanto, a negociação é impossível.[13]

Com relação ao fenômeno da tomada de reféns dos anos 1970 e 1980, muitos países responderam às ameaças do terrorismo de destruição em massa ao desenvolver as medidas adequadas para contra atacá-lo. Essas incluem medidas voltadas para a fase de "crise", enfrentando a ameaça do emprego de uma arma de destruição em massa ou de explosivos convencionais de grande alcance, assim como a capacidade de lidar com as conseqüências e mitigar os danos causados por um ataque bem-sucedido.[14]

Combate Contra o Terrorismo

O terrorismo internacional tem sido uma fonte de preocupação para os governos por mais de 30 anos. Durante este período, os governos têm desenvolvido uma série de respostas ou contramedidas para enfrentar o terrorismo, que tem evoluído, formando sua própria teoria. Em alguns casos, essa teoria chega a relacionar medidas específicas de operação. Antes de proceder a uma análise dos ataques terroristas é útil definir, pelo menos, os conceitos fundamentais dessa teoria.

"Terrorismo" é um termo vagamente definido, associado, em geral, com atos de violência motivados por razões políticas e cometidos por grupos não-governamentais, com ou sem apoio de um governo. As medidas idealizadas para enfrentar o terrorismo se agrupam convencionalmente em várias categorias. Na doutrina norte-americana, essas medidas são agrupadas sob o termo coletivo de "combatendo o terrorismo". Dentro do campo de combate ao terrorismo, as atividades se dividem em duas categorias: contraterrorismo e antiterrorismo. Outros países reconhecem esta distinção geral, embora a terminologia que utilizam para referir-se a cada categoria difere algumas vezes.[15]

"Contraterrorismo", na doutrina norte-americana, se refere a medidas ofensivas que geralmente implicam no uso de força letal diretamente contra os elementos terroristas e suas atividades. As táticas de recuperação especial empregadas para resolver situações de seqüestro constituem o exemplo mais expressivo deste aspecto do contraterrorismo. Devido à sua associação com grupos de elite militares ou de segurança pública, o contraterrorismo assumiu uma dimensão sigilosa ou compartimentada que pode impedir os esforços para desenvolver uma resposta abrangente dos governos ao terrorismo.[16]

"Antiterrorismo" se refere às medidas passivas ou defensivas tomadas para frustrar o ataque terrorista. Estas medidas são extremamente diversas e incluem atividades tais como medidas de segurança física, busca de bombas, segurança na prestação de serviços, controle no acesso às instalações e fortalecimento de estruturas para resistir a explosões.

"Gerenciamento das conseqüências" é um termo que surgiu no jargão militar do terrorismo norte-americano desde o fim dos anos de 1990 e se refere a todas as

Departamento de Defesa

Forma de controlar o acesso adotada após os ataques do dia 11 de setembro de 2001.

medidas usadas para mitigar os efeitos dos ataques terroristas, particularmente os ataques que envolvem armas químicas, biológicas, radioativas, nucleares ou explosivos convencionais de alto rendimento (*chemical, biological, radiological, nuclear ou high-yield explosives — CBRNE*).[17]

A Forma das Atividades Terroristas

Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 sugerem que a fase de crise de um ataque terrorista é muito efêmera para se confiar somente nas operações de gerenciamento de crises. A crise do dia 11 de setembro terminou em duas horas, durante as quais as opções do grupo de gerenciamento de crises dos EUA estavam limitadas a abater os aviões. As ações subseqüentes em Nova York e na zona rural da Pensilvânia e no Pentágono passaram imediatamente ao gerenciamento das conseqüências, enquanto outras atividades nacionais e internacionais estavam dedicadas à prevenção de um outro ataque. Se o ataque do dia 11 de setembro é uma indicação da tendência de táticas terroristas cada vez mais letais, existem implicações significativas de como os países enfocam a ameaça terrorista. Duas áreas são de especial interesse:

A possibilidade de que a destruição ocorrida no dia 11 de setembro tenha "recalibrado" as ações terroristas, oferecendo a possibilidade de que os ataques subseqüentes tenham como objetivo o mesmo número de baixas.

A probabilidade de os terroristas se prepararem e sobreviverem a uma resposta destrutiva às suas ações pela Coalizão. Isto sugere que um segundo golpe será planejado e estará pronto para ser executado no momento em que surgir uma melhor vantagem: em geral depois de um contragolpe aparentemente decisivo do governo.

A partir do final da década de 1960, as atividades terroristas começaram a estender-se além dos limites imediatos dos países ou regiões em conflito. A grande mobilidade vivida pela maior parte da população mundial depois da II Guerra Mundial foi provavelmente o fator que mais contribuiu para esta tendência.

Se o mundo está a beira de uma era de terrorismo de destruição em massa, a experiência da última década nos sugere dois imperativos aparentemente contraditórios para combater esse tipo de terrorismo.

Os esforços terroristas devem ser antecipados antes de que se convertam em uma crise, porque uma vez surgida a crise, poderá ser impossível evitar conseqüências

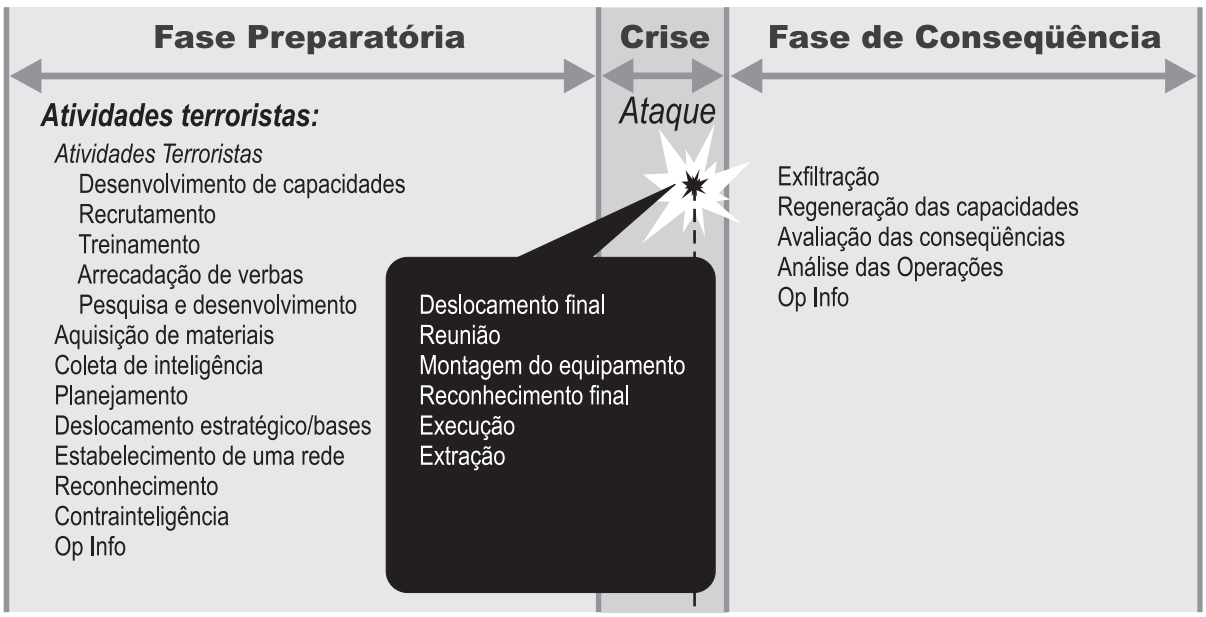

Figura 1. Cronologia das Atividades Terroristas Genéricas

devastadoras. Esse fato exige contramedidas antecipadas para evitar ataques terroristas.

O terrorista é um inimigo adaptável, de quem se pode esperar, pelo menos algumas vezes, que frustre as medidas preventivas dos EUA.[18] Portanto, torna-se essencial que se mantenha capacidades eficazes de gerenciamento de conseqüências e de crises.

Essas conclusões sugerem a necessidade de uma série abrangente de recursos e esforços que possam ser postos em prática em qualquer momento durante a evolução de um ataque.

O ataque de 11 de setembro de 2001 demonstra que os grupos terroristas estão desenvolvendo novos e devastadores métodos. Fases preparatórias longas precederam vários dos mais assoladores ataques dos últimos 10 anos.[19] Durante essas fases foram desenvolvidas novas capacidades, novos candidatos foram recrutados e adestrados, verbas foram destinadas e o ataque foi estudado e planejado.[20]

Em contraste com a fase preparatória, as ações terroristas do dia 11 de setembro passaram à fase de crise rapidamente. O deslocamento final e a execução do ataque foram realizados em questão de horas. Como demonstram os eventos daquela manhã, o governo norte-americano não teve condições de reagir em tempo para evitar a ação dos terroristas.[21]

Mesmo antes da colisão do quarto avião, as conseqüências já podiam ser vistas. Os trabalhos ininterruptos de resgate e limpeza no local do *World Trade Center* foram concluídos em dezembro de 2002.Vale observar que naqueles ataques foram usados explosivos convencionais que, na sua maioria, causaram baixas rapidamente.[22] Em um bem-sucedido ataque *CBRNE* de grande escala seria necessário um trabalho em massa de descontaminação, e mesmo assim, continuaria havendo vítimas por muito tempo após o incidente. É realista considerar uma fase de gerenciamento de conseqüências de dois ou mais anos após um incidente *CBRNE* de grande escala.

Esta breve análise sugere que um típico ataque terrorista global consiste em uma fase preparatória de vários anos, uma breve fase de crise e uma longa fase de conseqüências. O mesmo sistema cronológico poderia ser aplicado a uma campanha terrorista onde são realizados vários ataques empregando táticas diversas. Em tal caso a fase de crise poderia ser prolongada com ataques e suas conseqüências sendo sobrepostas.

Empregando um modelo genérico, as atividades terroristas durante toda a evolução do seu ataque podem ser relacionadas. Representadas graficamente, suas atividades poderiam ser similares à Figura 1. Se as contramedidas são então comparadas com as atividades terroristas, obter-se-á um abrangente jogo de medidas e capacidades como pode ser observado na Figura 2.

Contramedidas Abrangentes

Usando este modelo é possível comparar as atividades terroristas em cada fase com as contramedidas correspondentes do governo para determinar se existem algumas falhas na estratégia contraterrorista.

Durante a fase preparatória ou de desenvolvimento de capacidades, as atividades terroristas serão muito discretas e, freqüentemente, difíceis de serem relacionadas com intenções hostis deliberadas. As contramedidas durante essa fase concentrar-se-ão na coleta de dados de inteligência e na vigilância dirigida para detectar grupos terroristas e determinar sua motivação e objetivos. Estes

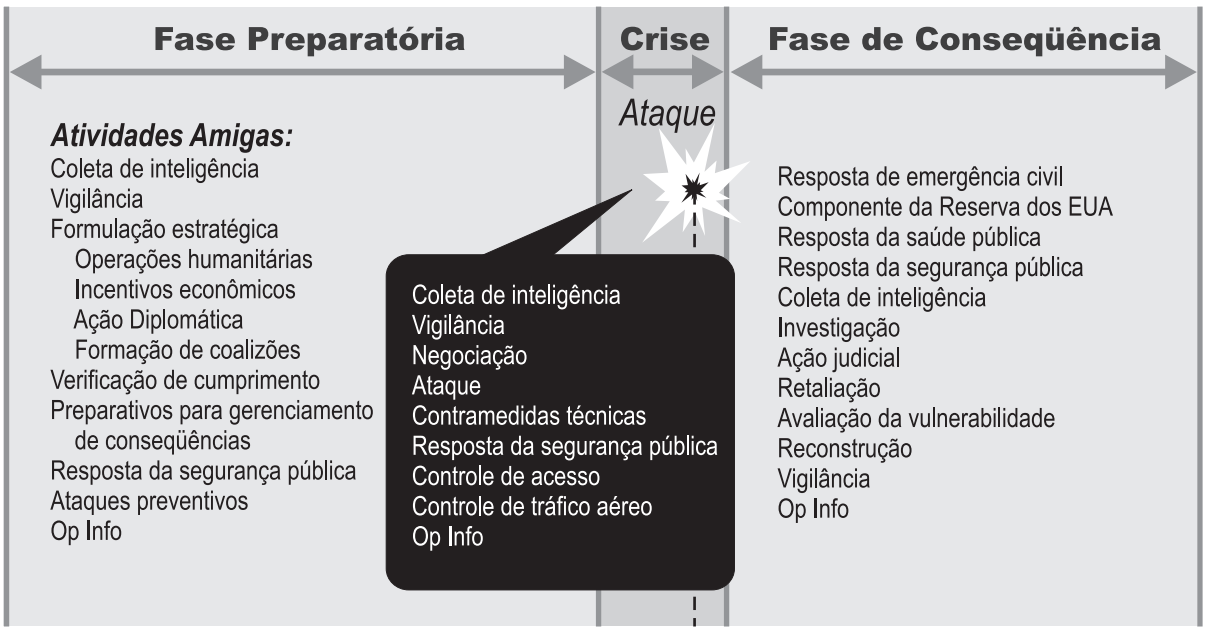

Figura 2. Contramedidas Terroristas Genéricas

trabalhos podem ser benéficos para detectar atividades criminosas relacionadas com o terrorismo, como o tráfico de drogas. A coleta de dados de inteligência pode, eventualmente, levar a ataques preventivos contra concentrações de atividades ou de capacidades terroristas, embora essas oportunidades possam ser raras.[23] Os trabalhos de inteligência também podem detectar táticas ou capacidades terroristas emergentes, facilitando o desenvolvimento antecipado de novas formas de gerenciamento de crises e suas conseqüências.[24] O uso seletivo de Op Info para que os preparativos de defesa sejam visíveis, sem colocar em risco a segurança das operações, poderia também dissuadir atos terroristas.

As medidas mencionadas podem provocar reações e, com exceção dos ataques preventivos, cedem a iniciativa ao terrorista. Existem, contudo, contramedidas ativas disponíveis aos governos durante a fase preparatória, que podem ser classificadas em: diretas e indiretas. Contramedidas diretas consistiriam principalmente de atividades militares e de segurança pública, tais como coleta de inteligência e quando possível, execução de operações de ataque empregando poder aéreo ou meios de operações especiais.

Contramedidas indiretas consistiriam de medidas que visem abordar o tema da antipatia que motiva as ações terroristas.[25] Por exemplo, programas de assistência humanitária poderiam ser sincronizados com outras iniciativas diplomáticas e econômicas para privar os terroristas de uma base de recrutamento de pessoas oprimidas. Essas medidas, realizadas por meios diplomáticos ou econômicos, são, em última instância, informativas.

As contramedidas indiretas procuram preparar o ambiente estratégico onde é combatida a guerra terrorista. Contudo são difíceis de dirigir contra uma atividade terrorista específica e são, por natureza, de longo prazo. Portanto, já devem estar em andamento antes que os terroristas tomem a decisão de realizar um ataque, e devem continuar durante as fases de crise e de conseqüências. Isto sugere que o modelo poderia ser ajustado, apresentando as contramedidas indiretas como uma característica permanente de uma campanha, passando por todas as fases de um incidente em particular.

Travar uma guerra contra o terrorismo apresenta importantes desafios para os governos. Talvez o maior deles se encontre no âmbito e na complexidade das contramedidas que devem ser desenvolvidas e implementadas para a execução de uma estratégia verdadeiramente completa. O êxito de tal estratégia requererá um grau de coordenação e planejamento que até agora tem eludido a maioria dos países ocidentais, especialmente aqueles que operam com um governo federal.

Como foi indicado anteriormente, poderão haver oportunidades limitadas para se aplicar qualquer contramedida durante a fase de crise de um ataque; a crescente sofisticação dos grupos terroristas mais perigosos e o aumento de táticas suicidas sugerem que

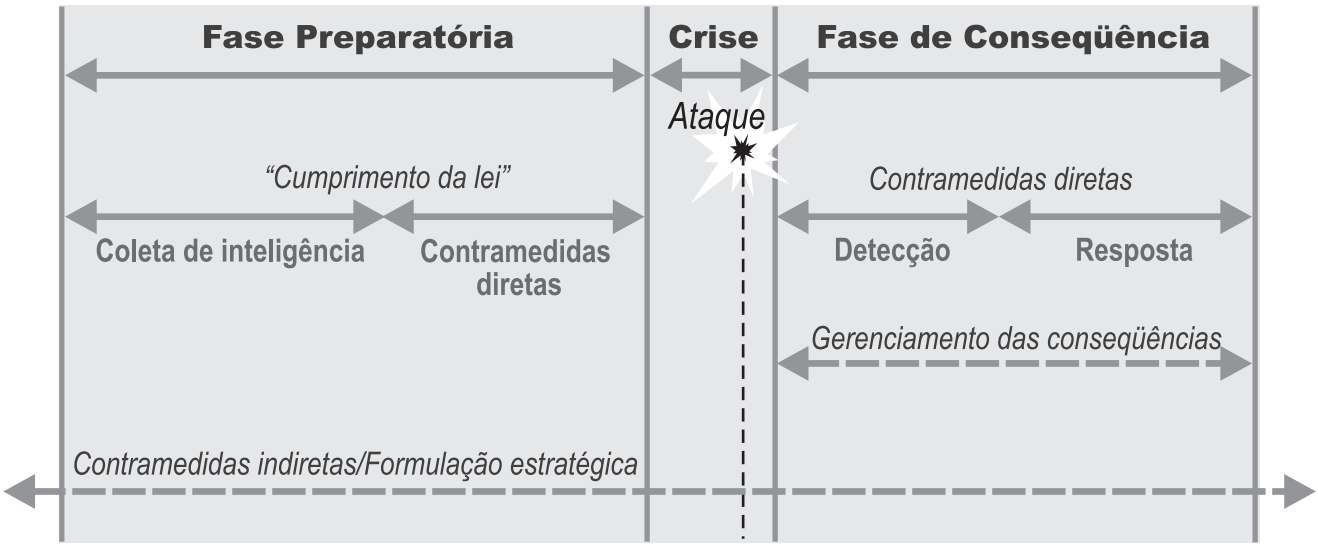

Figura 3. Modelo Genérico Refinado

essas oportunidades estão se tornando cada vez mais raras. No entanto, ainda são necessárias capacidades de gerenciamento de crises porque facilitam a transição para o gerenciamento das conseqüências e reforçam a confiança do povo de que o governo está cuidando da crise de forma competente. Quando aplicadas com êxito, essas capacidades podem também mitigar ou até mesmo evitar graves conseqüências físicas. É também possível manter essas capacidades de gerenciamento de crises, como os meios especiais para resgate de reféns, pela adaptação das capacidades de operações especiais necessárias para ataques estratégicos. Como na fase preparatória, Op Info agressivas e bem coordenadas serão essenciais para o sucesso do governo durante a fase de crise de um ataque.

Historicamente, o gerenciamento de crises tem enfatizado as capacidades tradicionais contraterroristas e extensas organizações de comando e controle chegando até o nível da política nacional. A dimensão do *CBRNE* exige um série de respostas, tais como a busca e a desativação segura de bombas; detecção e identificação de agentes químicos, biológicos e radioativos e o tratamento das baixas. Essas áreas altamente especializadas e exigentes estão além do alcance dos governos locais e indicam a necessidade de uma providência nacional.

Durante a fase de conseqüência de um ataque, as atividades terroristas estarão voltadas à "exfiltração" dos sobreviventes, ao reposicionamento estratégico e tático para operações posteriores, à exploração de qualquer vantagem de informação e à avaliação da operação. As atividades governamentais durante a fase de conseqüência concentrar-se-ão inicialmente em trabalhos de auxílio e resgate. Durante ataques *CBRNE*, o nível de baixas, danos e interrupção da vida cotidiana poderá ser reduzido mediante um gerenciamento de conseqüências eficaz e imediato. Para a realização desses trabalhos poder-se-á incluir serviços civis de emergência, como bombeiros, ambulâncias e serviços públicos de saúde e segurança pública, os quais assumirão seus papéis de rotina, mas precisarão, com freqüência, de uma fonte de energia para a qual podem contribuir as Forças Armadas e outros recursos. Uma transição fluida para as operações de gerenciamento de conseqüências de grande escala exigirá ensaios freqüentes durante os tempos de paz.

No curso do gerenciamento das conseqüências, outros esforços governamentais serão dedicados à supervisão de contramedidas similares às aplicadas durante a fase preparatória. Estas incluem a atuação da segurança pública, a investigação do ataque e o aprisionamento ou detenção de suspeitos. O governo colocará em prática medidas militares, diplomáticas, econômicas e judiciais. Os trabalhos iniciais dos serviços de inteligência devem estar destinados a determinar se o ataque é parte de uma campanha coordenada, sugerindo ataques preventivos ou a adoção de medidas protetoras adicionais. A análise de táticas terroristas pode auxiliar no desenvolvimento de novas táticas de proteção e de gerenciamento das conseqüências para reduzir a vulnerabilidade no futuro.

As contramedidas diretas aplicadas durante a fase de conseqüência sugerem um maior aperfeiçoamento do modelo genérico, ao dividir a fase da conseqüência em duas subfases: detecção e apreensão dos responsáveis, e respostas mais deliberadas como uma retaliação militar e o julgamento dos terroristas apreendidos. Essas atividades do governo durante a fase de conseqüência equiparam-se com a intensa atividade da fase preparatória, formando um ciclo de contramedidas. As Op Info devem continuar, com o objetivo de restaurar o moral e a confiança pública, mitigando qualquer vantagem

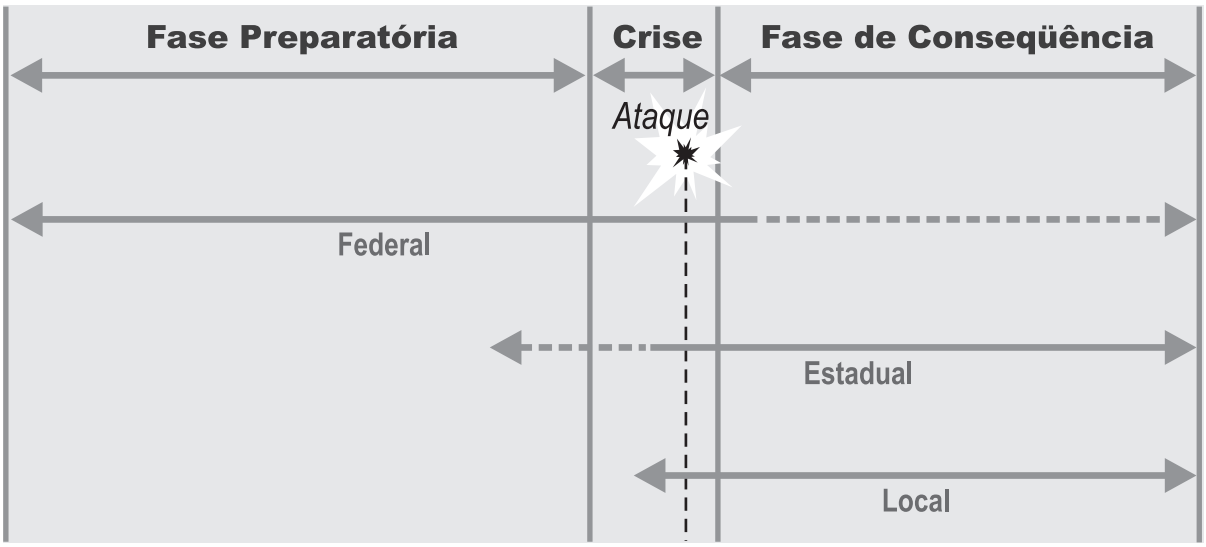

Figura 4. Contramedidas de Terrorismo no Nível de Governo

de informação que os terroristas possam ter ganho. Se estes melhoramentos forem incorporados ao modelo, o resultado pode ser o ilustrado na Figura 3.

Planejando uma Resposta do Governo

A análise anterior mostra que se um país pretende ter uma resposta abrangente contra a ameaça do terrorismo moderno, deverá contar com um significativo número de contramedidas. O modelo genérico proposto também tem certo valor ao traçar a fonte dessas medidas em um modelo de governo federal, como os existentes nos EUA, Austrália e muitos outros países ocidentais.

Os estados federais tendem a dividir a responsabilidade de prestação dos serviços governamentais entre diferentes níveis do governo. Tipicamente, este níveis são o federal, o estadual ou provincial e o municipal ou local. As responsabilidades federais enfatizam assuntos que refletem na prosperidade e na segurança nacional, como as políticas econômica, exterior e de defesa. Os governos estaduais e locais assumem, em geral, os assuntos que afetam mais diretamente a saúde e o bem-estar dos cidadãos, tais como a segurança pública, a educação, a saúde e os serviços de emergência. Todos os níveis do governo, portanto, contam com recursos e meios que são importantes para a estratégia antiterrorista. Se compararmos a fonte desses recursos ao nosso modelo genérico, o resultado seria semelhante à Figura 4.

Como demonstra este quadro, os recursos federais podem ser empregados durante o desenrolar de um ataque, enquanto os recursos estaduais e locais podem ser aplicados mais nas fases de crise e de conseqüências. Pelo menos durante alguma parte das fases de crise e de conseqüências, os recursos administrados pelos três níveis do governo têm uma função a cumprir. Isto indica que durante estas fases poderia haver duplicação de esforços e, talvez mais perigosamente, conflitos jurisdicionais, que poderiam impedir uma aplicação mais eficiente e harmoniosa dos recursos.[26] As exigências de uma guerra ao terrorismo podem justificar a abolição de certas jurisdições do governo local e estadual a favor de uma administração federal mais eficiente. É importante notar que o emprego das forças militares tradicionais é muito limitado em todo esse modelo.

Travar uma guerra contra o terrorismo apresenta importantes desafios para os governos. Talvez o maior deles se encontre no âmbito e na complexidade das contramedidas que devem ser desenvolvidas e implementadas para a execução de uma estratégia verdadeiramente completa. O êxito de tal estratégia requererá um grau de coordenação e planejamento que até agora tem eludido a maioria dos países ocidentais, especialmente aqueles que operam com um governo federal. O alto nível de gerenciamento necessário para a adoção de contramedidas eficazes e sólidas pode exigir uma abordagem centralizada do planejamento e da execução. Por sua vez, isso pode requerer o sacrifício da autonomia tradicional de algumas jurisdições internas pertinentes aos estados.

Este artigo propõe um modelo para a definição dos elementos da ameaça terrorista e das contramedidas correspondentes, com a finalidade de determinar a abrangência que deverá ter qualquer estratégia para combater o terrorismo. Da mesma forma que a Guerra Fria que a precedeu, a iminente guerra ao terrorismo promete ser uma longa guerra que proporcionará muitas oportunidades para se testar a validade deste modelo ou de qualquer outro projeto que procure organizar os esforços dos governos no ambiente de segurança internacional emergente. ***MR***

Refêrencias

1. "Timeline: Chronology of Events, 11 September 2001", no endereço http://msnbc.com/ news/631782.asp

2. Norma Cohen, "Debate on Future of WTC Site", *Financial Times*, 20 de setembro de 2001.

3. Mensagem do Presidente George W. Bush às duas Câmaras do Congresso dos EUA, 20 de setembro de 2001.

4. Por exemplo, a Austrália declarou que duplicará suas capacidades convencionais contra o terrorismo e restabelecerá as capacidades especiais criadas para os Jogos Olímpicos em Sydney em 2000. O ilustre Meter Reith, Membro do Parlamento, Secretário de Defesa, Comunicado à imprensa, 2 de outubro de 2001.

5. Embora a intenção e métodos de terrorismo possam ser percebidos nas atividades dos hebreus nos tempos romanos, o termo existe em inglês desde 1795, podendo ser encontrado no contexto do "reino do terror" da Revolução Francesa (*Oxford English Dictionary*). Um elo entre anarquismo e terrorismo tinha sido firmemente estabelecido no pensamento político no início do século XX. Ver Adrian Guelke, *The Age of Terrorism and the International Political System* (Londres, St Martin's Press 1995), p. 3.

6. Notar que a origem do termo na Revolução Francesa se desvia desta regra geral; neste caso o terror era infringido por um novo governo revolucionário, podendo ser encontrado outros exemplos de campanhas de terror infringidas por governos. A definição de terrorismo gerou sua própria e extensa literatura, não sendo a intenção deste autor prolongar mais a discussão ou definição do termo. Ver Guelke, pp. 1-7; e Bard E. O'Neill, *Insurgency and Terrorism: Inside Modern Revolutionary Warfare* (Nova York: Brassey's, 1990), p.13.

7. Por exemplo, apenas 20% das ações terroristas durante os anos de 1980 causaram algumas mortes, mas estas ações começaram a matar mais pessoas, com o passar do tempo. Ver Bruce Hoffman, *Terrorist Targeting: Tactics, Trends and Potentialities* (Santa Mônica, Califórnia: Rand, 1992), p. 3.

8."Apesar dos ataques a bomba, os terroristas, até agora, raramente usaram explosivos idealizados para causar uma grande baixa na população civil." Brian M. Jenkins, "International Terrorism: Trends and Potentialities" em Alan D. Buckley e Daniel D. Olson, *International Terrorism: Current Research and Future Directions* (New Jersey: Avery, 1980), p. 105. Ataques a bombas constituíram 50% dos ataques terroristas entre 1968 e 1992, tendência que continua até os dias de hoje. Ver Hoffman, p. 2. Notar que o uso de bomba para explodir aeronaves, como o ocorrido em Lockerbie em 1988, fornecem notáveis exceções a essa tendência.

9. O seqüestro de aviões gerou a maior parte da tomada de reféns e constituíram 33% dos incidentes terroristas internacionais nos fins de 1960. O uso desse método caiu para 4% na década de 1980. Atribui-se esse declínio aos grandes melhoramentos de segurança e ao estabelecimento de métodos de gerenciamento de crises. Ver Hoffman, p. 13.

10. Bruce Hoffman, *Responding to Terrorism Across the Technological Spectrum* (Carlisle Barracks, Pensilvânia: Escola de Guerra do Exército dos EUA, Instituto de Estudos Estratégicos, 1994), p. 5.

11. Embora o ataque a Brighton tenha causado um número relativamente pequeno de baixas, o sofisticado dispositivo de longo retardo utilizado para o ataque às estruturas estava destinado, sem dúvida, a causar um grande número de baixas.

12. Huntington prevê que "As linhas divisórias entre as civilizações serão as linhas de batalha do futuro" e identifica o islamismo e o cristianismo ocidental como duas das civilizações modernas entre as quais aparecerão essas linhas divisórias. Samuel P. Huntington, "The Clash of Civilizations?" *Foreign Affairs* (*Summer* 1993), p. 22.

13. Ver a discussão sobre negociação em Hugh Smith, "International Terrorism: A Political Analysis" in *The Year Book of World Affairs 1977* (Londres: Steven & Sons, 1977), pp. 142-46.

14. Nos EUA as medidas de gerenciamento das conseqüências estão sendo desenvolvidas sob o Programa Federal de Preparação Nacional *Nunn-Lugar-Domenici*. Ver "Defense Against Weapons of Mass Destruction Act," no decreto sobre a defesa contra Armas de Destruição em Massa", contida na Lei de Autorização da Defesa nacional para o ano fiscal de 1997 (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 23 de setembro de 1996), *Title XIV of Public Law* nº 104-201.

15. Por exemplo, o plano nacional antiterrorismo do governo da Austrália é, na terminologia dos EUA, um plano contraterrorista de contingência para o gerenciamento de uma crise, <http://www.sac-pav.gov.au/pscc/natp.html>, acessado em novembro de 2001.

16. Para uma visão mais profunda da elite do mundo do contraterrorismo ver Neil C. Livingstone, *The Cult of Counterterrorism* (Lexington, Massachussets: Lexington Books, 1990).

17. Nos EUA, o Programa Federal de Preparação Nacional *Nunn-Lugar-Domenici* tem como propósito desenvolver a capacidade nacional de gerenciamento de conseqüências para ataques *CBRNE*. Ver Title XIV, Public Law nº 104-201.

18. Para um exemplo desta capacidade ver a explicação de Bruce Hoffman sobre o desenvolvimento de contra-contra-medidas por parte do Exército Provisional da República da Irlanda para enfrentar as contramedidas britânicas na Irlanda do Norte. Hoffman, *Responding to Terrorism Across the Technological Spectrum*, pp.14-16.

19. Por exemplo, o ataque com gás sarin realizado pela seita Aleph (conhecida anteriormente por Aum Shinrikyo) em 1995 contra o metrô de Tóquio, começou com uma pesquisa sobre a produção de agentes químicos e biológicos em 1992. *Global Proliferation of Weapons of Mass Destruction: A Case Study on the Aum Shinrikyo*, declaração do painel nomeado pelo Subcomitê Permanente para Investigações do Senado do Governo dos EUA. 31 de outubro de 1995, no endereço <http://www.fas.org/irp/congress/1995_rpt/aum/part04.htm>, acessado em novembro de 2001.

20. Os bombardeios de 1998 contra as embaixadas dos EUA na África Oriental fornecem um exemplo útil deste tipo de preparação a longo prazo. Ver Judy Aita, "Bombing Trial Witness Describes Nairobi Surveillance Mission" *Middle East News Online*, 23 de fevereiro de 2001, no endereço <http://www.middleeastwire.com/unitedstates/stories/20010223_meno. shtml>, acessado em novembro de 2001.

21. Outra resposta rápida do Governo dos EUA foi o desvio de todos os vôos internacionais com destino ao país e a proibição de partida de todos os vôos civis dentro do território continental dos EUA. A aviação civil permaneceu muito restringida enquanto eram melhorados os procedimentos de segurança nos aeroportos. Embora essas fossem medidas necessárias, elas afetaram de forma significativa os negócios e a maneira de vida dos norte-americanos, maximizando o efeito negativo dos ataques terroristas iniciais. Uma seqüela interessante foi a paralisação dos serviços de ônibus Greyhound em todo o país depois de um ataque (não terrorista) a um dos condutores.

22. Esta observação não pretende excluir às vítimas de estresse pós-traumático que, com certeza, surgirão, nem o pessoal de resgate que poderão, subseqüentemente, desenvolver doenças relacionadas com os riscos ambientais nos locais dos incidentes.

23. Os ataques em 1988 contra as bases do Al-Qaeda no Sudão e no Afeganistão, embora provocados pelos bombardeios contra as embaixadas norte-americanas na Tanzânia e no Quênia, não se adaptariam a esta categoria.

24. A capacidade de resposta *CBRNE* que está em processo de desenvolvimento nos EUA sob o Programa de Preparação Nacional *Nunn-Lugar-Domenici*, é um exemplo disso.

25. Esses programas também poderiam ser os melhores meios de abordar a dimensão do choque das civilizações nas ideologias terroristas modernas.

26. Esses problemas já foram identificados nos EUA, e os meios para a sua abordagem têm sido detalhadamente examinados por vários anos. A falta de um gerenciamento coordenado pode ser uma das razões pela qual o Presidente George Bush estabeleceu um novo Gabinete para a Segurança do Território Nacional. Ver o testemunho de Richard Davis, diretor, Análise de Segurança Nacional, Divisão de Assuntos Nacionais e Internacionais (*NSAID*), Escritório de Auditoria Geral dos EUA (*USGAO*) perante o Subcomitê de Segurança Nacional, Assuntos Internacionais e Justiça Criminal, Comitê sob Reformas Governamentais e Vigilância, Câmara dos Deputados, 23 de abril de 1998, *GAO/T-NSAID*, *USGAO*, em *Combating Terrorism: Observations on Crosscutting*, p.3. Ver também o testemunho de Henry L.Hilton, Jr, Controlador Geral Assistente, *NSAID, USGAO*, perante o subcomitê de Segurança Nacional , Assuntos de Veteranos e Relações Internacionais, Comitê de Reforma Governamental, Câmara dos Deputados, *GAO/T-NSIAD*-99-107, *Combating Terrorism: Observations on Federal Spending to Combat Terrorism*, p.14.

O Tenente-Coronel Andew J. Smith, do Exército australiano, é instrutor no programa de intercâmbio do Departamento de Operações Conjuntas e Multinacionais na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, no Forte Leavenworth, Kansas. Possui os títulos de Bacharel pela Royal Military College*, o de Mestre em Estudos de Defesa pela* Deakin University*, Mestrado pela* New South Wales*. É candidato ao título de Ph.D. no* Department of Politics*,* University College*,* Australian Defense Force Academy*. Serviu em várias posições de comando e estado-maior, dentre elas, na Equipe de Limpeza de Minas das Nações Unidas, no Paquistão, e na formação e comando da Unidade de Resposta a Incidentes, da Força de Defesa Conjunta australiana que apoiou os Jogos Olímpicos do ano 2000 em Sidney. Seu artigo "How Sharp a Sword: Defining Legitimacy in Offensive Capabilities" foi publicado na edição de Setembro-Outubro da revista* The Australian Defence Force Journal.